



É HORA DO BASTA!

CATEGORIA BANCÁRIA SE LEVANTA CONTRA O FEMINICÍDIO E TODA FORMA DE VIOLÊNCIA À MULHER



O Mês das Mulheres não é apenas celebração. É memória das que vieram antes. Para o Sindicato, é também denúncia das violências presentes e compromisso com um futuro de igualdade e respeito.

Mulher é assassinada a tiros pelo companheiro durante churrasco em casa no interior de SP

Feminicídio aconteceu após um desentendimento em casa no bairro São José, em Américo Brasileiro (SP), neste domingo (11). Vítima foi identificada como Ana Maria Ventura Lima Costa.

Maioria das vítimas de feminicídio desta semana em SP tinha medidas protetivas; pedidos cresceram quase 1.000%

Após alta de crimes contra vítimas com medidas protetivas, governo de SP aposta no uso de tornozzeiras eletrônicas para monitorar agressores e tentar evitar novos crimes.

Mulher é assassinada a facadas pelo companheiro na frente dos filhos em SP; homem é preso

Crime, que teria sido motivado por ciúmes, aconteceu na tarde desta quinta-feira (6), em Araraquara (SP). Adolescente tentou defender a mãe e feriu suspeito.

Grávida de oito meses é morta pelo companheiro em Campinas

Denise Tizo de Oliveira, de 27 anos, foi morta com objeto perfurocortante. Companheiro dela tirou a própria vida.

Por Wesley Justino, EPTV e g1 Campinas e Região
10/11/2025 07h34 - Atualizado há 3 meses

Freira de 82 anos morta em convento no Paraná também foi vítima de estupro, diz polícia

Irmã Nadia Gavanski foi encontrada morta no pátio de convento em Ivaí. Suspeito foi preso enquanto tentava fugir. Nome dele não foi divulgado.

Polícia busca suspeitos de estupro coletivo de menor em Copacabana

Quatro maiores, entre 18 e 19 anos, foram indicados por estupro coletivo, e um adolescente também é investigado. Mandados de prisão e apreensão foram expedidos, mas nenhum dos suspeitos foi localizado.

Homem é preso no RS sob suspeita de estupro de vulnerável contra quatro meninas da família

Prisão foi realizada na última quinta-feira (31). Vítimas teriam entre cinco e nove anos de idade à época dos crimes.

Vídeo mostra amiga de vítima arrastada na Marginal tentando fugir e sendo agredida por companheiro; mulher chegou morta ao hospital

Priscila Versão, de 22 anos, foi morta na última segunda-feira (23). Seu companheiro, Deiv Bezerra Pereira, foi preso em flagrante por feminicídio.

Os telejornais estão abarrotados de dor. As redes sociais, inundadas. Até quando?

O Brasil fechou 2025 com cerca de 1.470 feminicídios. Mais de 1 milhão de novos processos de violência doméstica ingressaram no Judiciário. A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher aponta que 3,7 milhões de brasileiras sofreram violência doméstica ou familiar no último ano. Em 71% dos casos havia crianças presentes.



A cada **4 minutos** uma nova **mulher é agredida** no país.



A cada **6 minutos**, um **caso de violência contra mulher é registrado** pelo Ligue 180.



Os números não são frios. Eles têm nome, rosto, história interrompida. Foram humilhadas. Espancadas. Assassinadas.

Violência que começa no controle e termina no crime

Casos brutais registrados recentemente revelam a face extrema de um ciclo que quase sempre começa no controle excessivo e silencia-mentos, no ciúme possessivo, na ameaça cotidiana, no assédio moral, na violência psicológica, com agressões anteriores. Mesmo com medidas protetivas, como a Lei Maria da Penha - uma das mais avançadas do mundo nesse enfrentamento - mulheres continuam sendo assassinadas. Em muitos casos, elas já haviam denunciado e pedido ajuda anteriormente.

Conservadorismo e retrocesso: o perigo mora no discurso



Quando se relativiza a violência.

Quando se culpa a vítima.

Quando se questiona um direito.

Abre-se espaço para o retrocesso.

Quando uma mulher denuncia, ela não está exagerando. Quando pede socorro, não é drama. Quando ela tenta ir embora, é sobrevivência. Discursos que pregam submissão feminina, que atacam políticas públicas de proteção e que minimizam o feminicídio fortalecem o agressor. O combate à violência exige comprometimento do estado e de cada um de nós, investimento em prevenção, educação para igualdade e responsabilização rigorosa dos crimes.

"O feminicídio é a ponta mais cruel de uma estrutura que desvaloriza a vida das mulheres. O crescimento de discursos de ódio, a naturalização da violência, o avanço de um conservadorismo que tenta recolocar a mulher em posição de submissão e silêncio... Não é coincidência. É projeto de poder que sustenta desigualdades históricas!", denuncia Roberto Vicentim, presidente do Sindicato.

A violência não está apenas nas manchetes policiais. Ela também se manifesta no ambiente de trabalho.

Mulheres seguem recebendo, em média, salários menores que os homens para funções equivalentes. São maioria nas jornadas duplas e triplas. Enfrentam assédio moral e sexual no ambiente profissional. São questionadas sobre maternidade em entrevistas de emprego. Têm sua competência colocada à prova constantemente.

No setor financeiro, essa re-

alidade também é sentida. Mulheres ocupam menos cargos de direção e liderança, mesmo sendo altamente qualificadas.

"A desigualdade de gênero alimenta a lógica da desvalorização. E onde a mulher vale menos, sua vida também passa a valer menos para uma sociedade adoecida", reforça o secretário geral do Sindicato, Júlio César Trigo.

Essa desigualdade é mundial.

As mulheres detêm apenas **1/4 de toda a renda do trabalho.**

E isso quase não mudou desde 1990. Se as **mulheres são metade da população**. Por que não têm **metade da renda?**



Homens: é hora de assumir responsabilidade!

O enfrentamento à violência contra a mulher não é uma pauta exclusiva das mulheres. É uma responsabilidade coletiva. A luta exige homens caminhando lado a lado com elas, de braços dados, na construção de uma sociedade em que a mulher seja respeitada em sua integralidade: no trabalho, em casa, nas ruas, na política, na vida.

É preciso romper o pacto de silêncio, confrontar piadas machistas, intervir diante de comportamentos abusivos, educar nossos filhos para o respeito.

Diante dessa escalada alarmante dos feminicídios e das múltiplas formas de violência que atingem mulheres em todo o país, os Três Poderes unificaram esforços e instituíram o Pacto Nacional Brasil Contra o Feminicídio. A iniciativa articula Governo Federal, Congresso Nacional e Poder Judiciário em uma estratégia integrada de enfrentamento, estruturada a partir de um Comitê Interinstitucional de Gestão, coordenado pela Presidência da República, responsável por monitorar, cobrar e dar efetividade às ações pactuadas.

A proposta é imprimir mais agilidade ao cumprimento de medidas protetivas, consolidar e ampliar redes de apoio às vítimas, investir em formação e prevenção, e assegurar a responsabilização de agressores, enfrentando diretamente a cultura da impunidade que sustenta a violência de gênero.



O Sindicato disponibiliza um canal oficial de denúncia: "Basta! Não irão nos calar". O sigilo é garantido e o atendimento é feito com responsabilidade e respeito.

Se você está passando por isso ou conhece alguém que precisa de ajuda, não se cale! Você também pode buscar auxílio pelo Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher, 24 horas, anônimo).

É hora de acabar com a violência gritante contra a mulher. Não há neutralidade possível diante de tanta barbárie. É uma luta pela democracia, pela dignidade humana, pela justiça social.

Sindicato e você, todos juntos por todas!

*Basta!
Não irão nos calar*

(11) 99591-7733



ALGUMAS CONQUISTAS DO SINDICATO EM FAVOR DAS BANCÁRIAS:

Desde o ano 2000, as bancárias contam com uma cláusula de igualdade de oportunidades na Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), que garante mesa de negociação permanente com os bancos, viabilizando avanços como:

- Auxílio crecha/babá;
- Licença-maternidade ampliada de 180 dias;
- Licença-paternidade ampliada de 20 dias, vinculada a realização de curso de Paternidade Responsável e Relações Compartilhadas;
- Canais de atendimento nos bancos para vítimas de violência de gênero;
- Possibilidade de a bancária vítima de violência de gênero pedir mudança no regime de trabalho e realocação;
- Programa Nacional de Iniciativas de Prevenção à Violência contra a Mulher;
- Cartilhas que abordam, de forma didática, a necessidade de se combater o machismo e a violência contra a mulher;
- Participação do movimento sindical bancário no Grupo de Trabalho Interministerial sobre a Lei de Igualdade Salarial;
- Concessão de 3.100 bolsas de estudo, financiadas pelos bancos, para capacitar em programação mulheres, pessoas trans e PCDs.